



Representação histórica das cidades fronteiriças de Mato Grosso do Sul¹

Daniela Cristiane Ota²

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande/MS

Resumo

Ao estudar os conteúdos jornalísticos divulgados na fronteira de Mato Grosso do Sul, em específico a mídia radiofônica, observamos que o contexto histórico, cultural, econômico e social da região reflete significativamente na produção do conteúdo midiático. Sendo assim, neste trabalho apresentamos a caracterização dessa fronteira, que representa um espaço abstrato devido à ausência de obstáculos físicos ou naturais e aos intercâmbios cotidianos da população. Podemos dizer que as transmissões bilíngües, os assuntos que geram pauta jornalística, o contexto dos fatos noticiados e a integração existente entre as chamadas cidades-irmãs entre o Brasil e Paraguai e o Brasil e a Bolívia, advém de um contexto histórico que não pode ser visualizado de forma dissociada. As regiões fronteiriças representam um espaço peculiar e diferenciado, cuja significação se dá através de uma construção coletiva.

Palavras-chave: História, fronteira seca, mídia, espaço fronteiriço.

Onze Estados brasileiros fazem divisa por meio de fronteiras terrestres com países da América do Sul. Esta característica coloca o Brasil na terceira posição entre os países com maior número de países vizinhos, perdendo somente para a Rússia e a China. De acordo com o IBGE (2008) somente na região Norte do país, 98 municípios pertencem à faixa de fronteira na Federação, na região Sul são 403 municípios e na região Centro-Oeste, 44 municípios³.

Nas regiões limítrofes do Brasil podemos identificar em Estados como o Amazonas (que faz fronteira com a Colômbia), Paraná (fronteira com o Paraguai e

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora do curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), e-mail: ota.msi@terra.com.br

³ Região Norte – Rondônia (27 municípios), Acre (22 municípios), Amazonas (21 municípios), Roraima (15 municípios), Pará (5 municípios), Amapá (08 municípios). Região Sul – Paraná (139 municípios), Santa Catarina (82 municípios), Rio Grande do Sul (182 municípios). Região Centro-Oeste – Mato Grosso do Sul (44 municípios) e Mato Grosso (69 municípios).



Argentina), Rio Grande do Sul (fronteira com o Uruguai e Argentina) e Mato Grosso do Sul (fronteira com o Paraguai e Bolívia, exemplos ricos e amplos para estudo, uma vez que nestas regiões é possível identificar intercâmbios e a fronteira é espaço abstrato devido à ausência de obstáculos físicos. A linha demarcatória praticamente não existe. São as chamadas fronteiras secas, a maior parte área aberta e desprotegida.

Mato Grosso do Sul representa bem a diversidade cultural brasileira, uma vez que faz fronteira com o Paraguai e a Bolívia e conta com forte representação indígena. São mais de mil quilômetros de fronteira, totalizando 849 quilômetros em cursos d'água e 730,8 quilômetros de fronteira seca. Essas divisas são verificadas nas regiões Sul, Sudoeste e Oeste, que possuem uma população de 2,078 milhões de habitantes e densidade demográfica de 5,8 hab/km². A faixa de fronteira também se caracteriza como uma região pouco povoada, apresentando densidade demográfica de 5,23 hab/km². De acordo com dados do IBGE (2007), a população da faixa de fronteira urbana é de 695.430 habitantes, que representa 77,65% da população total do Estado.

No contexto regional, onde o limite geográfico é extrapolado pelos cruzamentos sociais e culturais que ocorrem cotidianamente entre a comunidade, podemos dizer que a região Sul de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul) esteve durante muito tempo mais integrada ao Paraguai e à Bolívia do que propriamente ao Brasil. Melo e Silva (2003, p. 78) diz sobre a região que: “É um Brasil à parte a fronteira meridional de Mato Grosso. Tudo lá é diferente: costumes, língua e, nalguns pontos, o próprio caráter do povo sofreu grandes modificações”.

Para se ter uma idéia, até o período após a Guerra do Paraguai (1864 a 1870) na região Sul de Mato Grosso o recebimento de informações vinha do país vizinho e não de Cuiabá. Corrêa (1999, p. 52) assevera: “A notícia da Abolição do trabalho escravo no Império chegou à Província por intermédio de uma casa comercial estabelecida em Corumbá, que recebeu um telegrama expedido por seus correspondentes em Assunção”. Não só as correspondências, mas também o abastecimento de gêneros básicos era realizado por meio da fronteira com a Bolívia e com o Paraguai.

Esses intercâmbios também estão presentes nas trocas culturais - costumes, crenças, culinária, idioma, música - foram marcantes e encontram resquícios até os dias atuais. O guarani, o espanhol, o castelhano e, ainda, a mescla desses idiomas com o português, formou as línguas faladas na fronteira. Um exemplo é o guarani paraguaio, ou jopará (que significa mistura do guarani com o espanhol): utilizado por grande parte



dos paraguaios para se comunicar no dia-a-dia, esta língua é, segundo o Departamento de Amambay, ao qual pertence Pedro Juan Caballero, o idioma falado por quase 94% da totalidade da população do país.

A proximidade e o entrelaçamento com os países vizinhos encontram raízes também na história. Conforme verifica Corrêa (1999), se o resultado da Guerra do Paraguai (1864 até 1870)⁴ ou da Tríplice Aliança fosse outro, pelo menos o Sul do Estado de Mato Grosso do Sul não seria território brasileiro. Após o confronto, estima-se que o Paraguai com a derrota tenha perdido 40% do seu território para os países da Tríplice Aliança. Além de ser estudado por historiadores, o fato é constantemente retratado nas atividades culturais do Estado, como na música “Sonhos Guaranis” do cantor sul-mato-grossense Paulo Simões (1982), *in verbis*: “Mato Grosso encerra em sua própria terra sonhos guaranis... Mato Grosso espera esquecer, quisera, o som dos fuzis. Se não fosse a guerra, quem sabe, hoje era um outro país”.

No entanto, para que possamos compreender esse intercâmbio proporcionado pela estreita convivência como os paraguaios e bolivianos é preciso analisar a história da formação de Mato Grosso, especificamente do sul de Mato Grosso representado atualmente por Mato Grosso do Sul, Estado criado em 11 de outubro de 1977 através da Lei Complementar nº 31 e instalado em 1º de janeiro de 1979.

Weingartner (1995) relata que o território do sul de Mato Grosso era habitado pelos índios da nação Guarani (Terena, Guaicurus, Kadiwéu e Paiaguás). A presença e as contribuições dos índios não se firmam apenas por meio da miscigenação e da conquista da terra, mas sim na alma do povo - e é por isso que hoje se evidenciam fortes laços culturais e sociais na fronteira sul-mato-grossense. Segundo Melo e Silva (2003, p. 72) “o representante guarani, que transpôs clandestinamente, prescindindo de qualquer formalidade, as suas divisas nacionais, penetrou igualmente no Brasil, sem observância de nossos ritos ministeriais”. Assim, municípios fronteiriços de Mato Grosso do Sul como Ponta Porã, Bela Vista Porto Murtinho e Corumbá, não podem ser dissociados das nações indígenas.

⁴ A Guerra do Paraguai foi o maior e mais sangrento conflito armado internacional ocorrido no continente americano. Estendeu-se de dezembro de 1864 a março de 1870. É também chamada Guerra da Tríplice Aliança. Brasil, Argentina, Uruguai e aliados derrotaram o Paraguai após cinco anos de lutas durante os quais o Brasil enviou mais de 160 mil homens à guerra. Estima-se que cerca de 60 mil brasileiros morreram, incluindo civis, principalmente na então Província do Rio Grande do Sul e na de Mato Grosso. O Paraguai, antes da guerra, atravessava uma fase marcada por grandes investimentos econômicos em áreas específicas. A derrota marcou uma reviravolta decisiva na história do país, desde então um dos menos desenvolvidos da América do Sul.



Geograficamente, essa fronteira Sul é representada por Pantanais, os Campos de Vacaria e a Zona dos Ervais. A região também ganhou destaque na produção de erva-mate, competindo com outras regiões do território e com o Paraguai. Até início do século XX a atividade nos ervais representou um forte fator de povoamento e desenvolvimento da fronteira extrema.

No entanto, o desenvolvimento regional baseado na navegação fluvial e na implementação da cultura da erva-mate pode ser considerado retardatário, pois foi calcado em um sistema de ocupação extensiva e exploração predatória dos recursos naturais. A principal fonte de produção na fronteira foi a erva-mate produzida nos municípios de Ponta Porã e Dourados. Também pela ausência de minérios, na região Sul a exploração do gado pelos índios paraguaios e portugueses irrompeu como a principal fonte de subsistência. A expansão dessa atividade favoreceu o aparecimento de arraiais e cidades, entre eles Campo Grande, atual capital de Mato Grosso do Sul; fundada como Arraial Santo Antônio de Campo Grande em 1876.

Municípios fronteiriços

Para entendermos um pouco mais sobre o contexto dos municípios fronteiriços a seguir vamos expor um breve histórico das dez cidades que compõem a divisa sul-mato-grossense.

Corumbá e Ponta Porã representam pólos de integração e desenvolvimento nas regiões Sul e Oeste do Estado. Historicamente elas também contribuíram em muito para o crescimento regional, concentrando em determinados momentos a principal atividade comercial da região.

Pela dificuldade de informações e também por estarem as histórias de muitos deles integradas através de fatos históricos como a Guerra do Paraguai, os municípios de Antônio João, Bela Vista, Caracol, Coronel Sapucaia, Mundo Novo, Paranhos, Porto Murtinho e Sete Quedas serão cojetados de forma geral e integrada. A maior parte dessas áreas foi povoada, pois representavam zona de segurança nacional configurando-se em ponto estratégico para ação do Governo Federal. Para colonizar essa extensa faixa de fronteira, o Governo Federal distribuiu no ano de 1967, parcelas de áreas de terra para pequenos agricultores, através de projetos de reforma agrária. Os dados relacionados à população foram extraídos do censo do IBGE de 2005.



A criminalidade é uma forte característica da faixa destes dez municípios que fazem fronteira seca com o Paraguai ou a Bolívia. São comuns assassinatos, roubos de automóveis e tráfico de drogas na região, pela facilidade de acesso, onde o adentrar em outro país significa, por muitas vezes, apenas atravessar uma rua. O estigma de cidades que facilitam a prática criminosa é reforçado cotidianamente, através dos noticiários da imprensa regional e nacional. Um caso de grande repercussão ocorreu em 30 de outubro de 1999, quando o município de Mundo Novo, por exemplo, ficou conhecido nacionalmente pelo assassinato da prefeita do PT (Partido dos Trabalhadores), Dorcelina Folador. Nos municípios localizados no Sul do Estado como Paranhos, Coronel Sapucaia e Sete Quedas o registro de assassinatos também é o principal foco das notícias regionais.

Os municípios apresentados abaixo tiveram importância pela localização estratégica na Guerra do Paraguai e no período do cultivo da erva-mate. Ao discorrermos historicamente verificamos que Ponta Porã representou um pólo de integração na época, pois várias cidades foram distritos deste município ou constituíram junto com Ponta Porã o território federal, instituído em 1943, pelo Decreto Lei Federal nº 5839, com sete municípios – Porto Murtinho, Bela Vista, Dourados, Miranda, Nioaque, Maracaju e Ponta Porã.

A constituição do território federal trouxe alguns benefícios para a região como um ramal ferroviário vindo de Campo Grande e o aumento do contingente militar, que se instalou na área para proteção da fronteira. A extinção do território federal ocorreu por ato das Disposições Constitucionais Transitoriais, promulgado em 18 de setembro de 1946. Sendo assim, as áreas foram reincorporadas ao então Estado de Mato Grosso. Outro ponto comum é que os municípios fronteiriços são considerados irmãos ou gêmeos, com cidades do Paraguai e da Bolívia; mantendo inclusive o mesmo nome. Bela Vista-Bella Vista, Ipeum (atual Paranhos)-Ype Jhu, Ponta Porã-Punta Porá, entre outros.

Com quase 100 anos de história, o município de Porto Murtinho teve seu desenvolvimento ligado ao cultivo da erva-mate, mas podemos destacar também a extração de quebracho, madeira utilizada para extrair uma substância chamada tanino, usada pelas indústrias de tinta, tecido, medicamentos, tratamento do couro, entre outros. Era considerada uma cidade isolada do resto do Brasil, onde sua única via de comunicação era o Rio Paraguai. Tornou-se município em 12 de julho de 1926 e faz



limite com os municípios de Corumbá, Miranda e Bela Vista e com o Paraguai através da cidade Isla Marguerita.

Localizada há 439 quilômetros da capital (Campo Grande), Porto Murtinho tem 13.634 habitantes. Nos anos 30 e 40, a cidade foi referência no Estado como fonte de riqueza, já nas décadas de 70 e 80 verificamos o período de decadência, com a falência das indústrias. Atualmente, a maior empregadora do município é a Prefeitura, seguida pelo comércio, turismo de pesca e pecuária. O município não apresenta emissora de rádio. A Rádio Frontera FM, com maior audiência na cidade, conforme dados da Prefeitura Municipal, coletados em outubro de 2004, fica instalada em Isla Marguerita, sendo, portanto, paraguaia.

O município de Bela Vista teve papel preponderante na Retirada da Laguna⁵, ocorrida entre 08 de maio e 11 de junho de 1867, durante a Guerra da Tríplice Aliança. Data de 03 de outubro de 1908 a autonomia municipal de Bela Vista. Em 1943, pelo Decreto Lei Federal nº 5839, de 21 de setembro de 1943 do Governo Federal passou a constituir município do território federal de Ponta Porã. Neste período o município de Bela Vista contava com três distritos - o a sede municipal, Caracol e Jardim. Em 1958, foi-lhe acrescido o distrito de Campestre, atualmente município de Antônio João.

Em 1932 começa a ser assentada a questão de limites com o Paraguai, a partir dessa época, a região começou a sofrer maior impulso de progresso. Perdeu os distritos de Jardim em 1953, Caracol em 1963 e Campestre, hoje, Antônio João, em 1964, para formação de novos municípios. Bela Vista está distante 344 quilômetros da Capital e conta com 23.711 habitantes, sendo a principal atividade a agropecuária. Com relação à mídia radiofônica, na cidade está instalada a emissora Rádio Bela Vista - Voz do Apa, que concorrem com Rádio Frontera 94,0 e Rádio Cidade 104,0 FM, instaladas no Paraguai.

A cidade de Caracol foi criada pela Lei nº 659, de 20 de junho de 1914 e elevada à categoria de município em 14 de novembro de 1963. Atualmente tem cerca de 5.000 habitantes. As emissoras de rádio sintonizadas no município são a Rádio Bela Vista - A Voz do Apa, instalada em Bela Vista (Brasil), e a rádio Associação Comunitária para o Desenvolvimento Artístico e Cultural (Codecol FM), instalada em Bella Vista (Paraguai), município com o qual faz fronteira.

⁵ A Retirada da Laguna, ocorrida entre 08 de maio e 11 de junho de 1867, durante a Guerra da Tríplice Aliança, teve início na fazenda Laguna, situada no Paraguai, e desenvolveu-se na região compreendida pelos atuais municípios de Bela Vista, Antônio João, Guia Lopes e Nioaque (MS)



Já o município de Antônio João foi fundado em 1964, conta com 7.892 habitantes e está distante 274 quilômetros da capital. A emissora de rádio Associação de Integração Comunitária Novos Tempos, localizada no município é a única representação midiática local. No município de Coronel Sapucaia, a representação fronteiriça ligada aos paraguaios e índios é um traço marcante. Prova disso, o primeiro nome da localidade era Nhu-Verá. Fundado em 1987, atualmente conta com 13.562 habitantes e fica distante 391 quilômetros de Campo Grande. A representação radiofônica se dá por meio das emissoras Rádio Metrópole e Rádio Conquista, localizadas em Capitán Bado (Paraguai).

Também no Sul do Estado, Paranhos foi fundada em 1989 e conta com 10.675 habitantes. Faz fronteira seca com o município de Ype Jhu (Paraguai). O primeiro nome de Paranhos foi Ipeum, que significa “pássaro preto”. A cidade fica distante 452 quilômetros da capital. Com relação às emissoras de rádio a comunidade sintoniza na frequência da Rádio Aparai FM, em Ype Jhu. Sete Quedas, fundada em 1980, conta atualmente com 15.124 habitantes e faz divisa com Pindoti (Paraguai). A emissora de rádio instalada na região é a Rádio Educadora em Pindoti.

Finalmente, a cidade de Mundo Novo foi fundada em 1976 e recebeu o nome devido à boa produtividade de uma cultivar de café chamada Mundo Novo, que representou o principal cultivo desenvolvido na região. Atualmente com 14.271 habitantes, e distante 479 quilômetros da Capital, no município as emissoras de rádio mais ouvidas são Mundo Novo FM e Rádio Canindeyú, localizada em Salto del Guayrá, capital do Departamento de Canindeyú no Paraguai.

Podemos dizer que de todas as cidades que fazem parte da fronteira seca em Mato Grosso do Sul, Corumbá e Ponta Porã são as que representam pólos da fronteira internacional. O município de Corumbá situado na planície pantaneira faz fronteira com Puerto Quijarro (Bolívia), fica distante 426 quilômetros de Campo Grande e conta com 100.268 habitantes. A cidade tem uma relação histórica com o Rio Paraguai, pois foi por meio dele que o transporte fluvial possibilitou a ligação com a Bacia do Prata e as relações comerciais com países da Europa e da América do Sul. Na fronteira temos a presença de uma aduana, no entanto, o trânsito de pessoas e carros é bastante facilitado.

Ponta Porã situada entre as bacias dos rios Paraguai e Paraná fica distante 328 quilômetros da Capital e conta com 67.190 habitantes. Faz fronteira seca com o município de Pedro Juan Caballero, capital do Departamento de Amambay no Paraguai.



Uma linha de aproximadamente 13 quilômetros divide as duas cidades, não há aduana e se mantém a informalidade para se trabalhar, visitar, fazer compras ou qualquer outra atividade entre os dois países.

A cidade de Corumbá que nasceu e cresceu com o rio Paraguai iniciou sua decadência como centro comercial quando o rio perdeu a função de principal artéria de comunicação e transporte. Até 1930 o Porto de Corumbá era o terceiro da América Latina. A transição do poder econômico urbano definido pelo entreposto comercial para o de característica rural foi demorada e hoje as principais atividades econômicas da região são a pecuária, o turismo e a exploração mineral.

Conhecida como Cidade Branca pela cor de suas terras, o município é considerado o primeiro pólo de desenvolvimento do Estado e abriga em seus limites a cidade de Ladário. Em língua tupi-guarani, Corumbá quer dizer “lugar distante”.

Se o desenvolvimento de Corumbá esteve ligado ao Rio Paraguai, em Ponta Porã, a exploração da erva-mate foi à mola propulsora do crescimento do município no âmbito regional. Ponta Porã surgiu da concessão dada pelo governo Imperial a Thomaz Laranjeiras, em 1823, para a exportação da erva-mate nativa. Em 1892, uma guarnição da colônia militar foi transferida para a região localizada nas proximidades das nascentes dos córregos: Jovai São Tomas, Carambola, São Vicente, Ponta Porã, Tegujho e do Rio São João. Local preferido pelos carreteiros que faziam o transporte da erva-mate, dando início à povoação denominada, Ponta Porã.

O município foi criado em 1912. Situada na fronteira seca do Brasil com o Paraguai Ponta Porã foi uma das cidades que mais sofreu com a Guerra do Paraguai. No município se desenrolaram episódios ocorridos nos últimos dias do confronto, quando o Marechal Solano Lopez percorreu a faixa territorial desta região. Limita-se com a República do Paraguai, com os municípios de Dourados, Maracaju, Bela Vista, sendo divisa ainda com o estado do Paraná, pelo rio Paraná.

A atração mais evidente da cidade é a extrema proximidade do município com Pedro Juan Caballero, município paraguaio com o qual faz divisa, apenas pelo canteiro central da Avenida Internacional. Ponta Porã em tupi-guarani quer dizer “largo bonito”.

No caso específico de Ponta Porã-Pedro Juan Caballero, como os próprios moradores definem, a compreensão do lugar só é possível graças à união das duas cidades. A primeira sensação é que a fronteira não existe e qualquer motorista



desavisado não percebe que entrou em território paraguaio ou vice-versa. As cidades têm juntas cerca de 120 mil habitantes.

Embora a atividade agropecuária seja forte no local, o comércio ainda representa geração de empregos e um atrativo para despertar o interesse dos turistas. Nos estabelecimentos comerciais identificamos a presença de brasileiros e paraguaios. Um grande shopping instalado na avenida Internacional, que separa os dois países - Shopping China – é o principal estabelecimento na fronteira, principalmente de produtos eletrônicos. Já a presença de camelôs na linha da fronteira partiu de uma iniciativa de brasileiros em 1995 quando fundaram a Associação do Primeiro Shopping Calçadão Mercosul. O objetivo da associação era comprar mercadorias dos países do Mercosul e vendê-los no Brasil, ocupando a zona neutra que divide os dois países.

O shopping Mercosul funciona em um espaço de 600 metros onde foram construídos 100 módulos de alumínio medindo 3x3 e 4x4 metros. Atualmente são 123 boxes do lado brasileiro e 560 “casillas” do lado paraguaio, também autorizadas pela municipalidade de Pedro Juan Caballero. Juntos formam um grande camelódromo ou um shopping de lata.

A questão do narcotráfico é peculiar na fronteira. A história tem início na década de 50, quando em Pedro Juan Caballero é instalada a Companhia Americana de Fomento Econômico (CAFE), visando investimentos na cultura do café e que gerou prosperidade inclusive para os municípios fronteiriços brasileiros. No entanto, na década de 60, a empresa pede falência. Com a ausência de trabalho, desencadeia-se a plantação clandestina de maconha, que passa a empregar paraguaios e brasileiros no plantio. Torrecilha (2004, p. 66) cita que de acordo com o Plano Nacional Anti Drogas do Paraguai, em 2002, a maconha empregava 15 mil pessoas no plantio, o dobro na colheita, resultando na produção de 14 mil toneladas por ano.

No entanto, as atividades do tráfico também acontecem por outras pequenas cidades da fronteira, como Coronel Sapucaia (Mato Grosso do Sul) e Capitán Bado (Paraguai). Segundo dados da Política Federal, Capitán Bado, funciona como um centro de produção de maconha e distribuição de cocaína. A maconha é levada ao Brasil por terra e a cocaína, na maior parte, em vôos clandestinos de pequenas aeronaves.

A falta de fiscalização permite também que pela fronteira passem pistoleiros contratados para assassinar inimigos políticos, jornalistas ou opositores de outros Estados, resguardados pelo controle do livre trânsito na região. Em 29 de outubro de



1997, em Campo Grande (MS) foi assassinado o jornalista Edgar Lopes de Faria, conhecido como Escaramuça. Morto com seis tiros, sua família acredita que o crime contribuiu na diminuição do ímpeto dos jornalistas.

Escaramuça apresentava pela manhã um programa na Rádio FM Capital e, à tarde, o "Boca do Povo", na TV MS. No rádio ou na televisão, denunciava políticos, policiais e outras pessoas, acusando-as de cometer crimes e atividades ilegais. Relatava fatos pitorescos e prestava auxílio a necessitados. Por tudo isso, sua atuação nos meios de comunicação e junto aos profissionais da área era bastante controversa.

No final da década de 90 havia indícios da ocorrência de mais de 100 crimes de pistolagem em Mato Grosso do Sul, segundo a Polícia Federal. Uma pesquisa feita nos jornais da região pelo Centro de Defesa da Cidadania e dos Direitos Humanos Marçal de Souza (CDDH), de Campo Grande, mostrou que, entre junho de 1995 e julho de 1997, aconteceram 231 casos de assassinatos sumários e de desaparecimentos forçados na fronteira entre Brasil e Paraguai, e na zona da Grande Dourados, em Mato Grosso do Sul a cerca de 120 quilômetros da fronteira.

No aspecto cultural, um dos costumes mais significativos para a população sul-mato-grossense é o consumo de tereré (mate com água fria). Os índios Xetás faziam uso da bebida, depois o costume se propagou pelos trabalhadores dos ervais que sentavam em roda e passavam a bebida de um para o outro.

Na questão administrativa verificamos os pontos de tensão. A prática dos paraguaios atravessarem a fronteira para utilizar os postos de saúde e as escolas da rede pública de ensino gera atrito entre as comunidades. O conflito acontece, pois o compartilhamento dos serviços por ambas às comunidades causa uma sobrecarga no sistema brasileiro, já frágil e passível de problemas como a falta de infra-estrutura e recursos adequados para investimentos nestas áreas. Somente em Mato Grosso do Sul, de acordo com o ex-presidente da Associação Colônia Paraguai de Mato Grosso do Sul, Alcides Bernal, vivem 70 mil paraguaios, sendo 30 mil na capital.

Com a Bolívia, o Estado tem 396 quilômetros de fronteira. O município que apresenta maior área neste faixa limítrofe é Corumbá, conhecido também como capital do Pantanal. A região é rica em minério de ferro, manganês e calcário dolomítico com alta precisão de argila. Esses fatores acabaram por atrair para a cidade grandes indústrias como Cimento Itaú, Ferro-Ligas, MCR (Rio Tinto Brasil), entre outras.



Com relação ao estabelecimento do limite urbano entre Brasil-Bolívia que se dá através dos municípios de Corumbá-Puerto Quijarro podemos dizer que é mais formal do que o verificado na fronteira Ponta Porã-Pedro Juan Caballero. Consideradas cidades irmãs, no entanto, a existência de uma aduana ordena de certa forma, o trânsito de pedestres e automóveis.

Puerto Quijarro fica distante oito quilômetros de Corumbá e apresenta população estimada em 15 mil habitantes. Pode ser caracterizada como uma avenida montada ao longo dos trilhos ferroviários. A população é composta por uma mistura de bolivianos e brasileiros. Atualmente, Puerto Quijarro é chamado de novo Acre pela quantidade de brasileiros que vivem no local. Quijarro é próximo 12 quilômetros de Puerto Soarez, município boliviano com 15 mil habitantes, que pode ser caracterizado como uma pequena vila, à beira do Rio Paraguai.

A travessia de bolivianos em busca de melhores condições de vida e de salários mais altos é representativa na fronteira. Puerto Quijarro é considerado um anexo de Corumbá.

Em Puerto Quijarro existe a zona franca de Porto Aguirre. Diferente de outras zonas francas, no local não se produz nada, apenas a comercialização é facilitada pela redução dos impostos. Na zona franca está instalado o shopping China, que, no entanto, não é suficiente para absorver a mão-de-obra. Por isso, o ingresso de bolivianos no Brasil não é encarado como um turismo de massa, mas uma procura de emprego e melhores meios de sobrevivência. Na Feira Brasbol, próxima ao limite entre os dois países, a maioria dos comerciantes são bolivianos. Além desse espaço, a população vizinha vem ocupando as feiras livres e expondo mercadorias nas calçadas próximas as portas dos hotéis, no Porto Geral e na área central de Corumbá.

A Bolívia é um país onde 55% da população são de índios, 30% de mestiços e 15% de brancos. Nos séculos XIX e XX, acordos com o Brasil, Chile e Argentina reduziram o território do país de cerca de três milhões de quilômetros quadrados para 1,1 milhão de km². A região que apresenta maior crescimento na Bolívia, Santa Cruz de La Sierra, concentra um representativo número de imigrantes brasileiros e alemães, e é área responsável pela produção de petróleo, gás, soja, café e madeiras do país.

A situação de miséria também faz com que muitas pessoas que vivem nas cidades de fronteira da Bolívia sejam coniventes com o narcotráfico. Para se ter uma



idéia, na década de 80 o boliviano, moeda do país, teve desvalorização de 300% em relação do dólar.

A crise do gás natural desencadeada na fronteira em 2006 inflamou novamente outro conflito na Bolívia. A população de Puerto Quijarro é unânime em dizer que o Estado de Santa Cruz sustenta a Bolívia e que o embargo do presidente Evo Morales é uma antiga rivalidade social, com forte tensão entre cambas e colhas. A parte fronteira com o Brasil, oriente da Bolívia é habitada pelos cambas, que se consideram herdeiros diretos do espanhóis. Já a parte ocidental abriga a comunidade colhas, população mestiça indígena, descendentes dos índios Quéchuas e Aymarás.

Outra atividade pública que extrapola a questão geográfica é o controle de doenças epidemiológicas. Através do Ministério da Saúde e da prefeitura de Corumbá existe a intenção de implantar o Sistema Integrado de Saúde das Fronteiras (SIS), com a Bolívia. Atualmente, Mato Grosso do Sul já conta com 11 cidades no programa do Governo Federal: Antônio João, Aral Moreira, Bela Vista, Coronel Sapucaia, Mundo Novo, Paranhos, Ponta Porã, Porto Murtinho e Sete Quedas, todas localizadas na linha divisória com o Paraguai.

A inclusão de Corumbá depende de parceria estabelecida com a municipalidade de Puerto Quijarro, que ainda não apresentou a contra-partida dos bolivianos. De acordo com o projeto estão previstos serviços essenciais como saúde mental, de urgência, centros de especialidade odontológica, radiodiagnóstico e ultra-sonografias.

Os problemas nos municípios de fronteira são muitos e as ações que podem ser implementadas em conjunto também representam uma condição de melhoria para as comunidades. Observamos que as decisões tomadas na esfera federal afetam diretamente a população fronteira e que várias das ações a serem desenvolvidas refletem um desconhecimento sobre as peculiaridades relativas aos modos de vida e de relacionamento entre os povos que vivem muito próximos de limites geográficos.

Pelo exposto sobre os municípios Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro pudemos observar que para os gestores, governar uma cidade de fronteira é um desafio. O cotidiano exige soluções conjuntas que extrapolam as leis de cada país. Problemas quanto ao serviço de coleta de lixo, saneamento, energia elétrica e linhas telefônicas também têm que ser resolvidos pelas partes em conjunto. Para citar, os estabelecimentos de Pedro Juan Caballero funcionam com número telefônico paraguaio e brasileiro. Além disso, a população da fronteira conta com tarifas



diferenciadas para as ligações entre os municípios da fronteira. Como já dissemos anteriormente a fronteira representa um espaço de trocas constantes, cuja significação se dá através de uma construção coletiva.

Referências Bibliográficas

CORRÊA, Lúcia Salsa. *História e Fronteira – o Sul de Mato Grosso 1870-1920*. Campo Grande: UCDB, 1999.

IANNI, Octavio. *Labirinto Latino Americano*. São Paulo: Vozes, 1997.

IANNI, Octavio. Nacionalismo, regionalismo e globalismo. In: BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. (Org.). *Globalização e Regionalização das Comunicações*. São Paulo: Educ, 1999.

MATTOS, Carlos de Meira. *Geopolítica e teoria de fronteiras: fronteiras do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990.

MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras Culturais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

MELO E SILVA, José. *Fronteiras guaranis – a trajetória da Nação cuja cultura dominou a fronteira Brasil-Paraguai (2ed.)*. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de MS, 2003.

MULLER, Karla. *Mídia e fronteira*. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

Nogueira, O. *Pesquisa social - introdução às suas técnicas*. São Paulo: Cia Editora Nacional. 1977.

PERUZZO, Cicilia. *Mídia local, uma mídia de proximidade*. Comunicação: Veredas. São Paulo: Editora Unimar, 2002.

TORRECILHA, Ana Lúcia. *A fronteira, as cidades e a linha*. Campo Grande: Editora da Uniderp, 2004.

WEINGARTNER, A. dos S. *Movimento divisionista no Mato Grosso do Sul*. Porto Alegre: Edições Est, 1995.